

### Comentário de Conjuntura

Em abril, o cenário econômico global permaneceu marcado pelos efeitos adversos decorrentes do conflito no Oriente Médio, elevando a volatilidade nos mercados de risco. O aumento dos preços de petróleo e derivados pressionou as expectativas de inflação e reforçou a postura cautelosa das autoridades monetárias, mesmo diante de sinais moderados de desaceleração da atividade. Nesse ambiente, as bolsas globais apresentaram desempenho misto, enquanto as curvas de juros refletiram maior incerteza quanto à continuidade dos ciclos de flexibilização monetária.

Nos Estados Unidos, o Federal Reserve - Fed manteve a taxa de juros inalterada e adotou uma comunicação mais austera diante do ambiente de incertezas. A inflação permaneceu pressionada, enquanto a demanda doméstica manteve-se resiliente, com expansão anualizada de 2,5% do consumo privado no primeiro trimestre e mercado de trabalho tensionado. O Fed reforçou que a condução da política monetária dependerá da evolução dos dados e da dissipação dos efeitos do choque energético. Ao mesmo tempo, as discussões sobre a sucessão de Jerome Powell no FED ampliaram a volatilidade nos mercados, em meio à perspectiva de uma condução monetária potencialmente menos restritiva.

A inflação ao consumidor também permaneceu pressionada na Zona do Euro, enquanto os sinais de atividade continuaram indicando arrefecimento. Nesse contexto, o Banco Central Europeu – BCE passou a sinalizar possível elevação de juros caso o choque de energia apresente efeitos persistentes. Na China, o PIB do primeiro trimestre surpreendeu positivamente, reduzindo a necessidade imediata de novos estímulos fiscais e monetários pelas autoridades locais

No Brasil, os dados de abril reforçaram a reaceleração da atividade no primeiro trimestre, sustentada pelo avanço do crédito, pela geração de empregos formais e pelo consumo de serviços. Em contrapartida, o elevado comprometimento de renda das famílias segue limitando perspectivas de crescimento mais robusto. No campo inflacionário, a alta do petróleo e dos alimentos pressionou o IPCA, com piora dos núcleos e da inflação de serviços. Nesse contexto, o Copom reduziu a Selic em 25 pontos-base, mantendo postura cautelosa e dependente da evolução das expectativas de inflação.

### Recursos Garantidores

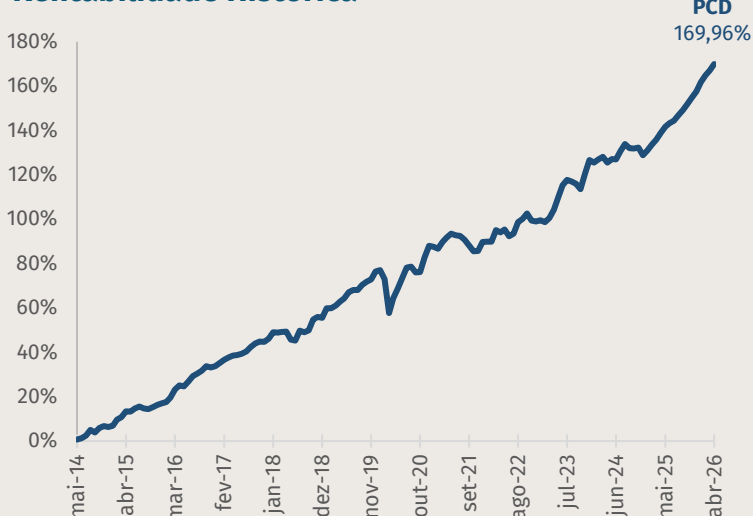
R\$ 302,3 milhões

### Histórico de Rentabilidade (%)

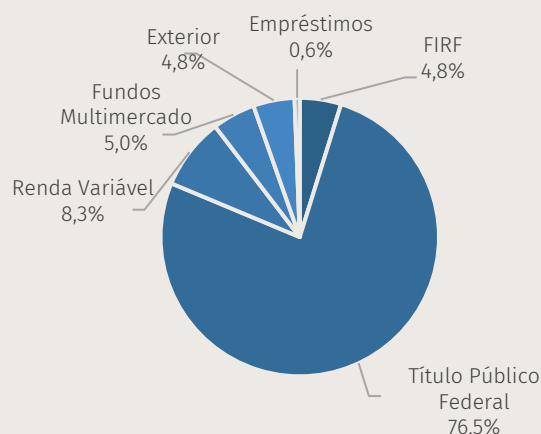
	2025			2026			12 meses	24 meses	36 meses	60 meses
	1º Sem	2º Sem	Ano	1º Tri	Abr	Ano				
<b>PCD - Rent. líq.</b>	6,29	5,86	12,52	3,69	1,10	4,83	12,97	19,67	32,13	40,80
Índice de Referência <sup>1/</sup>	4,88	3,09	8,12	2,90	0,99	3,93	8,32	18,54	27,45	60,42
IPCA	2,99	1,24	4,26	1,92	0,67	2,61	4,39	10,25	14,23	33,44
CDI	6,41	7,43	14,32	3,41	1,09	4,55	14,83	27,97	43,75	74,51

<sup>1/</sup> IPCA + 4,0% a.a. em 2021, IPCA+3,7% a.a. de partir de 2022 a 2025, IPCA+3,9% a partir de 2026.

### Rentabilidade Histórica



### Composição da Carteira



### Destaques de Desempenho

A carteira de investimentos auferiu rentabilidade de 1,10% em de abril. O segmento de Renda Fixa e Estruturado foram os destaques positivos, refletindo os prêmios elevados mantidos em carteira e a recuperação parcial do segmento de multimercados. A Renda Variável, entretanto, foi pressionada pelo movimento de aversão ao risco diante do quadro geopolítico.

Segmento de Aplicação	Rentabilidade (%) Abril/26
Renda Fixa	1,39
Renda Variável	-0,78
Estruturado	1,72
Exterior	-0,15
Op. Participantes	0,79